

ELLEN WHITE ERA CONTRA A BATERIA NA MÚSICA SACRA?

Uma análise do uso de instrumentos musicais na adoração nos escritos de Ellen White.

André Reis

*Bacharel em Teologia pelo LAE-C2, Mestre em Música pela Longy School of Music;
cursa PhD em Teologia com ênfase em Liturgia e Adoração na Greenwich School of Theology na Inglaterra.
Reside na Flórida com sua esposa e duas filhas.*

Existe atualmente uma escola de pensamento no Adventismo que se opõe a instrumentos de percussão na música por causa de uma passagem de Ellen White que menciona esses instrumentos de maneira desfavorável. Mas qual era a posição de Ellen White sobre a bateria, percussão e outros instrumentos na música adventista? Qual o contexto e aplicação da declaração à música e culto adventistas hoje? Este artigo se propõe a esclarecer estas questões nos escritos de Ellen White.

Pano de Fundo

No ano de 1899 desenvolveu-se um movimento dentro do Adventismo no estado de Indiana, EUA, chamado movimento da Carne Santa.¹ Entre outras heresias, a liderança da igreja naquele estado começou a propagar a idéia de que a conversão levava a um estado de santidade física. Ao obterem o Espírito Santo através de manifestações físicas, os crentes passariam pelo “jardim”, receberiam “carne santa” e estariam livres do pecado e prontos para a transladação.

O movimento culminou na campal de Indiana no verão de 1900. Dois ministros adventistas, Stephen Haskell e A. J. Breed passaram o relato abaixo:

[...] em seus cultos, os fanáticos chegavam ao êxtase pelo uso de instrumentos musicais como o órgão, a flauta, violinos, tamborins, trompetes e até um bumbo. Buscavam uma demonstração física e gritavam, oravam e cantavam até que alguém na congregação caía no chão, prostrado e inconsciente. Um ou dois homens designados, que andavam pelos corredores, levavam a pessoa até a

frente. Então um grupo de umas doze pessoas se reunia em volta do inconsciente, alguns cantando, alguns gritando e alguns orando, todos ao mesmo tempo. Quando o inconsciente se levantava, consideravam-no como tendo passado pela experiência do Getsêmane, tinha obtido “carne santa” e tinha a fé para a transladação.²

No dia 25 de Setembro de 1900, Stephen Haskell escreveu para Ellen White que se encontrava na Austrália:

Há um grande poder que acompanha o movimento ... por causa da música que é tocada... Quando eles chegam a uma nota aguda, não se escuta a congregação cantando, apenas se ouvem os gritos dos que estão quase enlouquecidos.³

O risco de o carismatismo da Carne Santa se alastrar pela Igreja era tão real que, mediante o relato de S. Haskell, Ellen White decidiu voltar da Austrália para confrontar o erro em pessoa. No dia 17 de abril de 1901, ela leu sua carta a Haskell na reunião da Conferência Geral. A Carta 132 de 1900 foi então incluída no livro Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 31-39. Com a oposição de Ellen White às heresias do movimento, o presidente da associação de Indiana e outros líderes confessaram o erro publicamente e o movimento se desfez.⁴

A passagem que menciona a percussão e que está

¹ O chamado Movimento da Santidade (*Holiness Movement*) que surgiu entre os Evangélicos nos Estados Unidos em meados de 1840 fez incursões no Adventismo desde os seus primórdios. Um de seus instrumentos de propagação eram os cultos do Exército da Salvação. A Carne Santa era apenas mais uma dessas várias tendências perfeccionistas e carismáticas do Adventismo. Veja White Estate: *Theological Crises* <http://www.whiteestate.org>.

² *Mensagens Escolhidas*, vol. 2 p. 31.

³ Arthur L. White, *The Early Elmsbaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 102.

⁴ Essas manifestações não eram novas e seu ressurgimento apresentavam um perigo de que o Adventismo se tornasse um movimento carismático. Ainda na época do desapontamento de 1844, Ellen White também presenciou um culto estranho e caótico onde instrumentos também eram mal utilizados. Veja *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 34, no original inglês: “One could not tell what was piped or what was harped” (I Cor. 14:7), uma possível alusão a instrumentos traduzido na versão em português como: “Não se podia distinguir uma coisa da outra.”

no centro da controvérsia atual diz:

*As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança.*⁵



Banda do Exército da Salvação da época (1894). Em seu relato, Stephen Haskell descreveu o culto e a banda em Indiana como uma “cópia” dos reavivamentos do Exército da Salvação. À frente se vê um surdo (*bass drum*) e outros instrumentos usados pela Movimento da Carne Santa.

Antes de entrarmos no cerne da questão, é bom um lembrete sobre a diferença entre *exegese* e *eisegese*. A *exegese* está preocupada em extrair do texto o que está sendo dito, enquanto a *eisegese* acrescenta ao texto o que não foi realmente dito. *Eisegese* é o que “eu acho que deveria ter sido dito”, onde uma opinião pré-formada influencia a leitura e palavras isoladas do contexto tornam-se um fim em si mesmas.

Neste artigo, vamos nos ocupar com *exegese* que é o estudo do que Ellen White intencionou nesta passagem levando-se em consideração o contexto histórico e teológico dos seus escritos, termos usados e a mensagem central do que está sendo dito. Sobre a interpretação de suas mensagens, ela recomenda que

*Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados.*⁶

Veja a sua preocupação em que o “tempo e lugar” de suas mensagens tenham a prioridade na sua interpretação e aplicação. Este ponto é crucial para o entendimento correto da mensagem à Carne Santa.

Tambores: Ponto Central?

Segundo George Knight, historiador adventista e

⁵ *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36. É recomendável a leitura do livro *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 31-39 para melhor entendimento deste estudo. Ele poder ser lido aqui <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=28&cp=31>

⁶ *Ibid.*, vol. 1, p. 57.

autoridade em espírito de profecia, um dos princípios fundamentais para se interpretar Ellen White é enfatizar o centro da mensagem que está sendo dada, e não detalhes periféricos da mensagem.⁷ Deve-se então ressaltar que o centro da mensagem das 9 páginas da carta 132 de 1900 é *primeiramente expor as heresias doutrinárias do movimento da Carne*

Santa. O centro não são os tambores ou a música, e sim o fanatismo. A preocupação secundária de Ellen White é combater o culto caótico resultante dessas doutrinas.⁸

Sobre o culto da Carne Santa em setembro de 1900, ela diz:

“As coisas que me descrevestes... o Senhor me revelou.”

O relato da carta de Haskell foi a confirmação de uma revelação que ela havia recebido em janeiro de 1900,⁹ oito meses antes de o movimento da Carne Santa florescer. A revelação era sobre o movimento da Carne Santa. (Esse ponto será mais explorado no fim do artigo.)

O qualificativo “*estranho*” refere-se a cada um dos elementos citados. Em outras palavras, além das doutrinas *estranhas*, haveria gritos *estranhos*, tambores tocados *estranhamente*, música *estranha*, e dança *estranha*.

Essa distinção é importante, porque Ellen White não se opôs ao uso desses elementos quando de maneira a inspirar o crente e exaltar o nome de Deus em adoração. Vejamos o que ela diz:

a. Gritos de louvor. *Cantar, foi me mostrado, frequentemente afasta o inimigo, e gritar em louvor o*

⁷ George Knight. *Reading Ellen White* (Review and Herald) 1997.

⁸ Pensar que Ellen White, com 73 anos de idade viajou por semanas de navio e carroça para participar da Conferência Geral de 1901 apenas para combater a percussão na música adventista é um barateamento infeliz de seu ministério.

⁹ Arthur L. White, *The Early Elmhaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 100.

derrotaria.¹⁰

b. Tambores e percussão. *O emprego de instrumentos de música não é de modo algum objetável. ... Os adoradores louvavam a Deus com harpa e com címbalos, e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescentará o interesse nos mesmos.*¹¹

*Davi, e toda a casa de Israel, alegravam-se perante o Senhor, ... com harpas, e com saltérios, e com tamborins, e com pandeiros, e com címbalos.*¹²

c. Música. *A música, quando não abusiva, é uma grande bênção; mas quando usada erroneamente, é uma terrível maldição.*¹³

d. Dança. *Davi saltava ... diante do Senhor... acompanhando em sua alegria o ritmo do cântico. A música e dança, em jubiloso louvor a Deus ... não tinham a mais pálida semelhança com a dissipação da dança moderna. A primeira tendia à lembrança de Deus, e exaltava Seu santo nome.*¹⁴

Qual era então o papel da música e dos instrumentos no culto descrito? Ela condenou a música e instrumentos em particular ou a maneira como eram usados? Qual o papel dos outros elementos extramusicais? Qual a maior preocupação de Ellen White ao confrontar a heresia da Carne Santa? E finalmente, qual a posição de Ellen White sobre o uso de instrumentos no culto adventista?

Uma pesquisa sobre o contexto histórico do movimento da Carne Santa fornece as seguintes informações:

1. Os ‘tambores’ eram o que hoje conhecemos por um surdo de fanfarras e três tamborins. Embora a palavra “drums” no original inglês descreva a bateria moderna (ou *drumkit*), não é o que Ellen White viu. Segundo Arthur White,¹⁵ a visão aplicava-se aos tambores e tamborins da Carne Santa, e não a nossa bateria moderna, até porque a bateria como instrumento não existia ainda. Ela foi se desenvolvendo

¹⁰ *Manuscript Releases*, vol. 21, p. 238. Em inglês “shouting” descreve brados em louvor a Deus, como um “Aleluia!” ou “Glória a Deus!” O uso do termo vem do Salmo 98:4: “Shout to the Lord!”. Essa prática adventista primitiva foi discutida no artigo “Glory! Glory! Glory! When Adventists shouted for joy” por Ron Graybill. *Adventist Review* 164:40 (1 de Outubro de 1987), p. 12–13.

¹¹ *Evangelismo*, p. 150.

¹² *Patriarcas e Profetas*, p. 705. Címbalos eram instrumentos de percussão usados no Templo e na adoração israelita e que foram incluídos na bateria com o nome de “pratos”.

¹³ *O Lar Adventista*, p. 408.

¹⁴ *Patriarcas e Profetas*, p. 707.

¹⁵ Arthur L. White, *The Early Elmhaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 104.

a partir do início do século 20 pela incorporação de vários instrumentos percussivos (tambores, pratos, etc.) que passaram a ser tocados por um só músico. Por isso é incorreto comparar os tambores da época e a bateria moderna, apesar de “drums” defini-los e ambos serem instrumentos de percussão.

Embora não tenhamos a descrição da técnica instrumental usada, a índole do surdo nos permite concluir que ele se sobressaía a todos os outros instrumentos e ao canto, criando um som repetitivo, ensurdecido (como o nome em português infere) e hipnotizante. Veja que um só surdo é suficiente para uma fanfarras de vários instrumentos, como se vê na foto.

Tem se concluído que, se Ellen White mencionou tambores por nome, eles é que devem ter sido responsáveis pelo culto caótico. Mas havia outros instrumentos no culto cujo mal uso ela também condenou, como veremos abaixo. O fato de ela ter singularizado os tambores indica apenas que, em sua visão do episódio, o surdo se sobressaía aos outros instrumentos na música. Que ela menciona “tambores e música” parece apoiar essa conclusão. Embora os tambores fossem parte da música, ela os ouvia acima da música, (outros instrumentos e canto), contribuindo para o culto caótico, onde todos tocavam, cantavam e oravam, pulavam e gritavam ao mesmo tempo resultando em “ruído e confusão”.¹⁶

2. Ellen White inclui “música” e outros instrumentos nesse cenário. De acordo com S. Haskell e outros, a música caótica da Carne Santa incluía um órgão, duas flautas, três violinos, três tamborins, um contrabaixo acústico, trompetes, um tambor grave ou surdo, o canto congregacional e possivelmente um coral. Portanto a evidência é que todos os elementos musicais acima, bem como orações, gritos histéricos, desmaios, juntamente com tambores levavam ao êxtase e “tudo o que é estranho”.

Precisamos nos ater ao que ela disse. Veja que Ellen White não condenou música, assim como não condenou tambores em si. Se Ellen White condenou música e os outros instrumentos, será que devemos excluir o canto congregacional, o órgão, violinos, trompetes e flautas em nossas igrejas? Se vamos traçar um paralelo, embora equivocado para condenar os tambores (bateria), ele precisa ser consistente e tudo o que se refere a música também precisa ser removido do culto.

Ellen White, porém, expande sua posição ao dizer da música do movimento da Carne Santa:

¹⁶ *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36.

É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que ... seria introduzida em nossas reuniões campais.

*Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música, a qual, devidamente dirigida [*incluindo o canto, o órgão, flautas, violinos, trompetes, percussão], seria um louvor e glória para Deus.*

Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida.¹⁷

Para ela, todos os instrumentos de Indiana eram culpados pelo seu uso inapropriado. Esse desdobramento da posição de Ellen White é crucial para entendermos sua real intenção ao condenar o que ocorria em Indiana. É claro que o uso *inapropriado* da música e instrumentos causava o barulho e o caos, não os elementos em si.

A bateria e percussão, assim como o piano, o órgão, o violino se tocados apropriadamente podem facilitar o louvor vibrante e *“acrescentar o interesse”*¹⁸ no culto, sendo assim para o “louvor de glória de Deus” ou para ser um “*laço*” nas mãos do inimigo.

Na realidade, um órgão de tubos, considerado como o “rei dos instrumentos” se for tocado de maneira caótica tem maior potencial de *“chocar os sentidos”* do que a bateria ou percussão. Imagine um órgão com 20.000 tubos tocado no último volume, com o *tutti* ativado, sem qualquer noção harmônica ou musical, por uma hora sem parar enquanto a congregação canta e ora ao mesmo tempo. Por ser muito maior a amplidão da frequência sonora dos tubos do órgão do que a da percussão, a *“balbúrdia e ruído”* deste seria exponencialmente maior do que a bateria, mesmo que amplificada. Logicamente não é o instrumento em si que é mal e sim uso deturpado que gera ruído e confusão.

3. A música caótica do movimento era usada para acompanhar, enfatizar e expandir conceitos teológicos do movimento. Sem a heresia de êxtase física e “carne santa” para a trasladação, a música extremamente

¹⁷ *Ibid.*, p. 37, 38.

¹⁸ *Evangelismo*, p. 150;

Considerando-se a riqueza e variedade dos escritos de Ellen White, tambores recebem pouquíssima atenção. O problema não é o instrumento em si mas o estilo em que é tocado e a falsa doutrina e emocionalismo que acompanham o seu uso.

excitante, que levava as pessoas à experiência do “*jardim*” (desmaios e contorsões), não teria razão de ser. A música e o culto não surgiram num vácuo mas iam de mãos dadas com as crenças do grupo. Ellen White abordou primeiramente essas crenças em sua carta e advertiu contra permitir que elementos teológicos estranhos levassem a igreja a adotar estilos de adoração que exaltassem essas manifestações estranhas. *Quando a heresia foi desmascarada, o culto caótico desapareceu.*

4. Ellen White não está aqui condenando o uso de percussão e outros instrumentos *per se*. Novamente, é importante se ater ao que foi realmente dito. Os tambores, juntamente com os outros instrumentos estavam sendo usados para criar um êxtase emocional e físico.

Não eram os instrumentos em si e sim o seu uso em estimular a manifestação de “*tudo que é estranho*” no culto que os fazia condenáveis. Eles faziam parte de um pacote de falsa adoração. Ela não está condenando percussão, assim como não está condenando o órgão ou violinos presentes naquele culto. Ela adverte quanto ao uso *inapropriado* que fazemos deles levando ao caos na adoração e tornando a música um “*laço*”.

5. Os gritos do movimento da Carne Santa eram mais próximos a ataques de histeria do que louvor. A palavra usada por S. Haskell para descrever os gritos da carne santa é “*sbriek*”, que não tem um termo correspondente em português. Ela descreve um grito agudo estridente, de histeria ou terror.

No início de seu ministério, Ellen White gritava “Glória, glória, glória” no início de suas visões. Essa prática de dar brados de louvor era comum no culto adventista primitivo. Tiago White chamou de “*mornos, enganados e endurecidos*” os que se opunham aos gritos de louvor.¹⁹

O grito de louvor no culto adventista da época era uma referência direta ao Salmo 98:4: “Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os habitantes da terra; *dai brados de alegria*, regozijai-vos, e cantai louvores.” (Veja também Salmo 132:9). Em Apocalipse 19:6, João

¹⁹ *Review and Herald*, 20/01/1853, p. 140.

descreve uma multidão que brada tão alto que ele parece ouvir trovões: “Também ouvi uma voz como a de grande multidão, como a voz de muitas águas, e como a voz de fortes trovões, que dizia: Aleluia! porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso”.²⁰ O bradar aqui é o desejo incontável de louvar a Deus, muito diferente dos gritos estridentes da Carne Santa.²¹

6. A ‘dança’ que ela menciona ter visto no culto em Indiana não era para adorar como recomenda Davi no Salmo 150 e sim um movimento estranho, espasmódico, que parecia incluir desmaios e era resultante do êxtase físico que acompanhava o culto. Como demonstramos acima, Ellen White sabia a distinção entre a dança afetada de movimentos estranhos ou sensuais²² e a dança “que tendia à lembrança de Deus”. (Veja Jeremias 31:13). Ellen White aqui aceita um tipo de dança ou movimento com características litúrgicas, que lembram a Deus e exaltam o Seu nome.

Portanto, em resposta à pergunta inicial dessa seção, “*Tambores: Ponto Central?*” parece claro que os tambores em Indiana eram apenas um elemento do cenário e não o centro da atenção. Além disso, Ellen White não condenou os tambores como originadores da heresia e do culto, como pretendem algumas interpretações da passagem. Eles eram secundários a uma teologia de adoração deturpada.

Também parece clara a distinção entre a legitimidade dos outros elementos da adoração adventista da época e o seu uso desvirtuado no culto da

²⁰ Talvez a coisa mais próxima desse “trovão” seja o furor de milhares de vozes de um estádio de esportes quando se faz um ponto: o som é ensurdecedor, todo-envolvente, irresistível. A volta de Jesus também será acompanhada pelo fortíssimo brado de um arcanjo (1Tess. 4:1).

²¹ Ainda usando a analogia do estádio de esportes, por que nós adventistas não vemos problema em gritar “Gol!” a todos os pulmões quando nosso time marca um, mas nos escandalizamos com um “Aleluia!” ou “Glória a Deus!” na Igreja? É necessário um estudo mais profundo sobre o “gritar em adoração” à luz da Bíblia e da história da Igreja Adventista.

²² *The Voice in Speech and Song*, p. 424. Ela não reprova todos os movimentos indiscriminadamente tais como gestos suaves e que ressaltem as palavras e sim os movimentos bruscos e estranhos dos músicos e pastores. Paulo recomenda levantar as mãos nas reuniões cristãs (1 Timóteo 2:8) e Davi cantava o Salmo 28 levantando as mãos a Deus (Salmo 28:2).

Se a percussão fosse incompatível com a música sacra, era de se esperar que ela articulasse sua posição inequivocamente e em termos típicos como: “Foi me mostrado que os tambores e tamborins são ofensivos a Deus e não devem ser usados em seu culto e na música do Senhor.” Mas tal citação não existe.

Carne Santa.

Abaixo veremos outros aspectos importantes do contexto em questão.

Ellen White e Instrumentos Musicais

Uma busca da frequência da palavra “drums”, (*tambores*) nos escritos de Ellen White²³ resulta em apenas 15 referências, das quais 14 são repetições da Carta 132 de 1900, que como vimos, se refere a um surdo de fanfarra e não à bateria moderna, embora o termo “drums” defina os dois. A outra referência relata uma visita de Ellen White a Basel, Suíça em dezembro de 1886, onde ela viu um treino militar de soldados e jovens suíços usando tambores.²⁴

Já a palavra para *tamborim* na versão *King James* da Bíblia inglesa, “*timbrels*”, é mencionada somente 2 vezes, ambas favoravelmente no contexto de celebrações do povo de Israel.²⁵

Pela aparente falta de interesse no instrumento em si, o historiador adventista Arthur Patrick conclui que:

*considerando-se a riqueza e variedade dos escritos de Ellen White, tambores recebem pouquíssima atenção. ... O problema não é o instrumento mas o estilo em que é tocado e a falsa doutrina e emocionalismo que acompanham o seu uso. O uso de tambores é visto por Ellen White como tendo os mesmos problemas que a música tem. Obviamente o ponto em questão não é música em si, mas música inapropriada.*²⁶

Note que a resistência em se aceitar certos instrumentos no culto da igreja Adventista não é nova.

Desde os primórdios do movimento até 1877, o canto congregacional era feito *a cappella*. Em 1877 Tiago White e John Loughborough experimentaram resistência quando tentaram incluir um órgão numa

²³ Site oficial do Ellen White Estate: <http://www.whiteestate.org>.

²⁴ *The Youth's Instructor*, 22 de dezembro de 1886.

²⁵ *The Review and Herald*, 1 de Junho de 1897; *Patriarcas e Profetas*, p. 704. Veja 2 Samuel 6, Êxodo 15:20.

²⁶ Arthur Patrick. *Early Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Preliminary Historical Perspectives*. <http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>

campal na Califórnia. Loughborough leu o Salmo 150 e até adicionou ‘órgãos’ na lista para defender o uso de instrumentos na adoração. Apesar do receio, os presentes notaram que o canto congregacional melhorou sensivelmente!²⁷

Ellen White também interpretou os Salmos e seus instrumentos como literais e, por sua vez, não preferiu certos instrumentos em detrimento de outros. Ela falou em favor de se usar o violão no culto e quando esteve na Suécia, ela pediu que uma senhora não-adventista cantasse ao som do violão na abertura das reuniões.²⁸

Sobre a inclusão de vários instrumentos no culto, ela diz:

*Nas reuniões realizadas, escolham-se alguns para tomar parte no serviço de canto. E seja este acompanhado de instrumentos de música habilmente tocados. Não nos devemos opor ao uso da música instrumental em nossa obra.*²⁹

*Em nossas reuniões campais deve haver canto acompanhado de instrumentos musicais.*³⁰

O emprego de instrumentos de música não é de modo algum objetável. ... Os adoradores louvavam a Deus com harpa e com címbalo [percussão], e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescentará o interesse nos mesmos.

*Alegro-me de ouvir os instrumentos de música que tendes aqui. Deus quer que os tenhamos.*³¹

Veja que ela não tentou criar uma distinção arbitrária entre instrumentos “sacros” e “profanos”.³² Não há em seus escritos nada que apóie essa distinção, tampouco há na Bíblia. Citar certos instrumentos musicais e outros elementos omitidos ou incluídos no ritual do Templo como modelo para nossa adoração é incoerente, pois elementos que incluímos hoje foram omitidos, e.g., mulheres oficiando, a congregação participando dentro do “santuário”, enquanto

Um estudo minucioso da visão de música nos escritos de Ellen White não revela nenhuma preferência por técnicas de composição melódica, ritmo, estilo ou instrumentos da música aceitável, se erudita do período Barroco, Clássico ou Romântico ou mesmo contemporâneo.

instrumentos musicais que eram usados no Templo também faziam parte de festas e cultos pagãos.³³ Por isso, o que ocorria no Templo não é modelo para o que ocorre na Igreja pois ambos tinham diferentes funções.³⁴

Ellen White se opôs a qualquer instrumento, não só de percussão, quando usado para criar confusão na adoração e em apoio a manifestações estranhas e caóticas:

*É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que ... seria introduzida em nossas reuniões campais. ... Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção.*³⁵

Veja que ela inclui aqui todos os instrumentos musicais que estavam sendo usados na campal em Indiana, como vimos acima e não somente os “tambores”. É digno de nota que para apoiar uma certa interpretação, se enfatize os tambores somente, mas claramente não é essa a intenção da mensagem. Veremos mais sobre essa prática no fim do artigo.

Se tambores e percussão fossem incompatíveis com a música sacra, era de se esperar que ela articulasse sua posição especificamente e em termos típicos como: “Foi me mostrado que os tambores e tamborins são ofensivos

³³ Isaías 5:11-12: “*Ati dos que se levantam cedo para correrem atrás da bebida forte e continuam até a noite, até que o vinho os esquente! Têm harpas e alaúdes, tamborins e pífaros, e vinho nos seus banquetes; porém não olham para a obra do Senhor*”. As harpas que eram usadas no Templo estavam também nas festas seculares que incluíam também a prostituição. Portanto, esses instrumentos não são necessariamente “sacros” e nem maus por natureza.

³⁴ Ed Christian, *Make a Joyful Noise: A Sensible Look at Christian Music*, p. 75-76. Se formos traçar paralelos entre a Igreja e Templo, precisamos ser consistentes. A Igreja precisa ter somente homens oficiando, ela precisa ser dividida em dois compartimentos, a congregação não entra nela e precisa haver sacrifícios de animais. Não posso escolher o que é modelo por conveniência. Por essa razão, o Templo em seus rituais é paralelo somente com o Santuário no céu (Heb. 9) e não da Igreja, porque os dois têm funções diferentes. O que ocorre na Igreja é mais próximo ao que acontecia nas reuniões da Igreja primitiva, onde a palavra era pregada e havia hinos e canções espirituais, levantar de mãos por toda a congregação e convívio social. (Col. 3:16; Ef. 5:19, 20). Se insistirmos no paralelo, então usemos somente os instrumentos listados em 1 Crônicas e a música deve ser mais próxima do estilo judaico, de preferência em hebraico!

³⁵ *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36.

²⁷ *Historical Dictionary of Seventh-day Adventists*, p. 205.

²⁸ *Historical Sketches of the Foreign Missions*, p. 195.

²⁹ *Evangelismo*, p. 507.

³⁰ *Testimonies*, vol. 6, p. 62.

³¹ *Ibid.*, pp. 150, 503.

³² Tentar desqualificar a bateria porque é usada na música rock ignora o fato de que o piano e o órgão são instrumentos centrais na música rock, jazz e country, entretanto não parece haver a mesma preocupação em se retirar esses instrumentos da música adventista.

a Deus e não devem ser usados em seu culto e na música do Senhor” como ela fez em outros assuntos de vital importância para a igreja Adventista. Mas tal citação não existe. Por isso, justificar a proibição indiscriminada do uso da bateria hoje porque ela traz automaticamente “ruído e confusão” não pode ser sustentada pelos escritos de Ellen White.

Na Bíblia, tamborins e címbalos e outros instrumentos eram usados em situações de exultação, na adoração vibrante e para festividades do povo de Deus.³⁶ Essas características da percussão nos permitem concluir que se a bateria for habilmente utilizada na música e no culto, sem se tornar um fim em si mesma e como parte de um contexto musical equilibrado, ela pode na realidade facilitar o culto energético e vibrante que Ellen White preferia ao culto formal e friamente solene.³⁷

Esperar também que todos toquem os mesmos instrumentos e tenham o mesmo talento musical não é a visão Bíblica da adoração. O Salmo 150 permite que todos usem seus variados talentos musicais em adoração a Deus.³⁸

Aleluia! Louvem a Deus no seu santuário, louvem-

³⁶ *Gênesis 31:27; 1 Samuel 10:5-6; Jó 17:6, 21:11-14; Salmo 81:2; Isaías 24:8; Jeremias 31:4; Ezequiel 28:13.* (Certas traduções da Bíblia mencionam o tamborim como fazendo parte do caráter musical de Lúcifer em seu estado não caído em Ezequiel 28:13). Parte do argumento pela proibição da percussão é a tentativa de traçar uma distinção entre a adoração que ocorria nas festividades e a adoração no Templo. Essa dicotomia artificial ignora o fato de que Deus aceitava tanto a adoração no Templo como as festas onde se celebrava os atos divinos com tambores, pandeiros, címbalos e dança.

³⁷ “Vi que havia grande necessidade de mais energia nas reuniões dos que guardam os mandamentos.” *EGW Manuscript 3, 1853 (Manuscript Releases vol 5, p. 424)*. Em 1845, Ellen White assistiu a um culto onde a adoração foi tão vibrante e o volume tão alto que chamaram a polícia para prender o líder do grupo, Israel Damman. Ellen White, porém, que estava presente, falou que o poder de Deus estava lá. (*Spiritual Gifts, vol. 2, p. 40*). Tiago White cantava batendo o ritmo dos hinos na sua Bíblia (William A Spicer, *Pioneer Days of the Adventist Movement, p. 147*). Veja também *Evangélico*, p. 507, *Patriarcas e Profetas*, p. 523.

³⁸ Bacchiocchi em seu livro *O Cristão e a Música Rock* (p. 223) rejeita o uso de instrumentos de percussão dos Salmos 149-150 porque os considera não-literais. Essa interpretação não é aceita por comentaristas do livro de Salmos, nem mesmo Ellen White. Se os tamborins e a dança não são literais, então todos os outros precisam ser figurativos também e ficaríamos sem música na adoração.

***Condenar a percussão
por causa do seu uso na
música popular
contemporânea
(fazendo-se assim
necessário separar-se do
“mundo”) ignora o fato
de que a percussão é
usada profusamente na
música sacra erudita
como o Aleluia de
Händel.***

no em seu magnífico firmamento. Louvem-no pelos seus feitos poderosos, louvem-no segundo a imensidão de sua grandeza! Louvem-no ao som de trombeta, louvem-no com a lira e a harpa, louvem-no com tamborins e danças, louvem-no com instrumentos de cordas e com flautas, louvem-no com címbalos sonoros, louvem-no com címbalos ressonantes. Tudo o que tem vida louve o SENHOR! Aleluia! (Salmo 150, NVI)³⁹

e Ellen White adiciona que

A diversidade de dons leva à diversidade de operações mas é “o mesmo Deus que opera em todos. (1 Coríntios 12:6).⁴⁰

...pois nem todas as mentes devem ser alcançadas pelos mesmos métodos.⁴¹

Estilo da Música

É importante ressaltar também que Ellen White não aborda o estilo composicional da música da Carne Santa. Ela se concentra no efeito da música quando agregada a práticas estranhas e caóticas no culto. Ela concorda que as mesmas músicas usadas de maneira apropriada, seriam uma bênção.⁴²

Segundo o testemunho da irmã Haskell, o movimento usava o hinário adventista da época⁴³ e também a coletânea *Garden of Spices*⁴⁴ que refletia o estilo de reavivamentos do *Exército da Salvação* (veja nota de rodapé 1) e que continha algumas melodias populares da época com letra cristã.⁴⁵

³⁹ Condenar algo que a Bíblia aprova, i.e., percussão no louvor, é cair num dos “ais” de Isaías: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que põem as trevas por luz, e a luz por trevas, e o amargo por doce, e o doce por amargo!” (Isa. 5:20).

⁴⁰ *Testimonies*, vol. 9, p. 144.

⁴¹ *Ibid.*, vol. 6, p. 116.

⁴² *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 37, 38.

⁴³ *The Seventh-day Adventist Hymn and Tune Book for Use in Divine Worship*. (Review and Herald, 1893).

⁴⁴ *Garden of Spices: A Choice Collection for Revival Meetings, Missionary Meetings, Rescue Work, Church and Sunday Schools*. (Indianapolis: Grace Pub Co.) 1900.

⁴⁵ Note que essa tática era comum na igreja Adventista desde os primórdios. Urias Smith e outros pioneiros adaptaram várias canções populares com letra sacra para o hinário adventista da época. James Nix explora bem essa questão em *Early Advent Singing* (Review And Herald, 1994) p. 119. Dois exemplos são a melodia de Stephen Foster de 1851, “*Way Down Upon the Swanee*

É importante explorar essa questão porque os argumentos contra a bateria não se limitam a citar o movimento da Carne Santa, mas incluem também outras citações de Ellen White que supostamente apóiam um certo estilo de musical em detrimento de outro.⁴⁶ Porém, um estudo exaustivo e



Conjunto de *tímpanos*, percussão usada na música erudita.
No Aleluia de Händel, os tímpanos são cruciais para criar o clímax final da música.

minucioso da visão de música nos escritos de Ellen White não revela nenhuma preferência por técnicas de composição melódica, ritmo, estilo ou instrumentos da música aceitável, se erudita do período Barroco, Clássico ou Romântico ou mesmo contemporânea.⁴⁷

Note também que condenar a percussão por causa do seu uso na música popular contemporânea ou na

River” que tornou-se “Da Linda Pátria Estou Mui Longe” e a canção romântica “*Bonny Eloise*”, “Quão Doces São as Novas”. No Hinário Adventista, dois exemplos: “Oh, Frente Ensangüentada” vem de “*Mein G'muth ist mir verwirret*”, canção romântica do século 18 usada por Bach com letra sacra; e “Há Um País”, melodia popular irlandesa “*Londonderry Air*” ou “*O Danny Boy*”. Obviamente isso não é licença para se usar qualquer estilo de melodia popular com letra sacra, pois isso estaria caindo num extremo de interpretação que Ellen White evitava a todo custo.

⁴⁶ Outros argumentos citam a resposta de plantas à música rock, a percussão sendo usada em rituais satânicos ou a influência do ritmo em alterar batimentos cardíacos, entre muitos outros. Mas plantas não são gente e os batimentos cardíacos se alteram constantemente durante o dia quando levantamos, sentamos, corremos, dormimos, e até mesmo quando ouvimos música clássica. Condenar a percussão porque é usada em rituais satânicos, xamânicos etc., é equivalente a condenar o uso da TV para evangelismo porque ela é usada secularmente para promover a violência e a pornografia. Afinal, ninguém está usando a percussão na música cristã para promover possessões demoníacas ou rituais satânicos. Também problemático é o repúdio do estilo de vida de roqueiros e músicos seculares para demonizar a bateria e percussão. O fato é que, com poucas exceções, os compositores da música erudita dos séculos 17-20, que é tida como única aceitável na adoração hoje por muitos, tiveram vida desregrada, espiritualística e promíscua também. Parece que há grande necessidade de repensar as implicações dos argumentos usados contra a percussão.

⁴⁷ Ellen White relata ter ouvido “*a mais linda música instrumental*” numa praça pública na Suíça (*Manuscrito 33, 1886*) mas não temos detalhes específicos de que música era. Por ser uma reunião social pública, a música era possivelmente alguma valsa vienense popular no período ou outra música celebrativa de Mozart ou Haydn. Seguramente não era música sacra, era música secular. Em outra ocasião ela menciona ter ouvido linda música vocal (*Carta 8, 1876*). Note que nesses relatos, ela não procura traçar nenhum paralelo entre a música secular erudita com a música sacra, embora essa fosse uma ótima oportunidade para que ela delineasse similaridades desejáveis de ambas.

música étnica (fazendo-se necessário “*separar-se do mundo*”) ignora o fato de que ela é usada profusamente na música sacra erudita para enfatizar o ritmo da música, para criar expectativa ou para atingir um clímax na música. Talvez o exemplo mais conhecido seja o *Messias* de Händel

onde os tímpanos (tambores) são peça chave para criar o clímax final do *Aleluia*. J. S. Bach, compositor sacro por excelência, também usava os tímpanos com liberdade. Fica difícil imaginar que Ellen White se oporia ao o *Aleluia* de Händel porque usa a percussão.

Embora não haja instruções específicas sobre um estilo de composição sacro, Ellen White dá sim qualidades gerais da música apropriada para a adoração (especialmente a cantada) como suave, harmoniosa, solene e comovente e ao mesmo tempo exultante, animada, energética e com poder⁴⁸, qualidades essas que não são necessariamente incompatíveis com a música cristã contemporânea que usa a bateria ou percussão.⁴⁹

A Bateria e o Fim dos Tempos

Como demonstramos acima, os tambores que Ellen White viu eram aqueles usados em Indiana e não a bateria moderna. Poderíamos parar por aqui e considerar o paralelo entre os dois como incorreto e a proibição atual, falsa. Mas infelizmente, a “*profecia dos tambores*” tem se tornado um exemplo clássico de descontextualização e desvirtuamento do que Ellen White intencionava.

Para sermos fiéis à intenção original da mensagem e aplicá-la corretamente, precisamos respeitar a perspectiva do período de tempo e o lugar a que ela se refere. Como vimos anteriormente: “*Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser*

⁴⁸ *Patriarcas e Profetas*, p. 591; *Evangelismo*, p. 505-8, 512; *Educação*, p. 39; *Manuscrito Releases* vol 5, p. 424.

⁴⁹ *Evangelismo*, p. 510, 512. Ela preferia não incluir músicos profissionais que aparentemente ofereceriam música de “alta qualidade” no culto mas que não estivessem imbuídos do espírito da adoração. Essa regra não é inflexível, pois ela dispôs de músicos não-adventistas também.

considerados.⁵⁰

Ellen White recebeu a visão sobre o movimento da Carne Santa em janeiro de 1900, oito meses antes de ele surgir em Indiana:

Mas em janeiro último o Senhor mostrou-me que seriam introduzidos em nossas reuniões campais teorias e métodos errôneos, e que a história do passado se repetiria.

As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança.

É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que, foi-me apresentado em janeiro último, seria introduzida em nossas reuniões campais.

*O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e multidão de sons como me foram apresentadas em janeiro último.*⁵¹

Veja como Arthur White, neto, biógrafo e depositário de Ellen White aplica a visão:

*Ellen White recebeu a revelação do que iria ocorrer em janeiro de 1900 quando estava na Austrália. A obra estranha estava apenas se desenvolvendo em Indiana e ela viu o que ocorreria na reunião campal.*⁵²

Primeiramente, note que para descrever a Carne Santa, Arthur White usa o mesmo termo, “*estranha*” que Ellen White usa para o que ocorreria “*no futuro*”, ou seja na reunião campal de setembro de 1900 quando o movimento aflorou. Sendo que a carta foi lida por Ellen White na Conferência Geral em abril de 1901, o “*futuro*” aqui também se refere à reunião campal que estava prestes a ocorrer dois ou três meses depois, no verão de 1901 se a heresia se perpetuasse na igreja Adventista. Portanto, *Arthur White em seu relato do episódio aplica a mensagem da carta de Ellen White estritamente ao que ocorreu em Indiana em 1900-1901.*

Ellen White continua dizendo que

Essas coisas que aconteceram no passado hão de ocorrer no futuro. ... Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos. Instruções claras e definidas

⁵⁰ *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 57.

⁵¹ *Ibid.*, p. 36-37.

⁵² Arthur L. White, *The Early Elmshaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 104.

têm sido dadas a fim de todos entenderem.

As “*coisas do passado*” não se referem ao movimento da Carne Santa, como se quer aplicar hoje, e sim a outros movimentos fanáticos que surgiram no Adventismo na década de 1850-60.⁵³ Portanto, quando aplicamos “*as coisas que aconteceram no passado*” a Indiana em 1900, estamos ferindo a intenção original de Ellen White e potencialmente desvirtuando o sentido da mensagem. Mais sobre esse ponto a seguir.

Para ajudar no entendimento do uso correto da passagem em questão e a aplicação de seus conceitos ao culto e música adventistas hoje, dois pontos devem ser explorados:

Primeiro, Ellen White entendia que o tempo imediatamente precedente ao fechamento da porta da graça, quando esses elementos se apresentariam, era em seus dias.

Note que ao mesmo tempo que ela diz

As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana ... haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça.

ela complementa dizendo

*Muitos movimentos dessa espécie surgirão em nossos dias, quando a obra do Senhor deve manter-se elevada, pura, sem superstições e fábulas.*⁵⁴

Portanto, “*em nossos dias*” e “*no tempo do fim da graça*” para ela são sinônimos. Pelo contexto e aplicação geral da carta estritamente ao movimento da Carne Santa (como demonstrado por Arthur White), deve-se entender o “*haviam de ocorrer*” como sendo uma descrição do próprio movimento da Carne Santa que Deus revelou em janeiro de 1900 *haviam de ocorrer* em setembro de 1900, “*nas reuniões campais*”. Faz sentido em nossa perspectiva concluir que esse culto falso com tambores, gritos e coisas estranhas reapareceria hoje, “*no futuro*”, ou porque vivemos mais “*imediatamente antes do fim da graça*” mas para Ellen White, esse tempo era em seus dias.

O termo “*imediatamente*” também apresenta dificuldades. Quão *imediatamente* antes do fim da graça isso ocorreria? Duas semanas, 1 ano, 5 anos, 20 ou 100 anos?

⁵³ *Testimonies*, vol. 1, p. 232. O fanatismo em Wisconsin tinha elementos semelhantes ao da Carne Santa onde havia balbúrdia e confusão. Ainda na época do desapontamento de 1844, Ellen White também presenciou um culto estranho e caótico. Veja *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 34.

⁵⁴ *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36, 34.

Lembre-se que em Sua bondade, Deus não revelou aos seus profetas ou a Ellen White quanto demoraria tempo o fim. Daniel 8:26-27 diz que a visão era para dias “*mui distantes*” mas nem mesmo Daniel a entendeu, pois estava selada. Paulo ao falar da trasladação diz: “*nós, os que ficarmos*”, referindo-se à vinda de Cristo (1 Tess. 4:12); Jesus disse a João: “Eis que cedo venho” (Apo. 22:12) mas já se passaram 1900 anos; Pedro diz em 2 Pedro 3:8: “*um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia*”. Todos eles esperavam que fosse em seus dias.

Por essa razão, a expressão “*imediatamente antes do fim da graça*” têm um significado bem mais dinâmico do que um ponto específico no tempo. (Para todos os efeitos, no entendimento Adventista, depois de 1844 já estamos “*imediatamente antes do fim da graça*”). Na perspectiva, de Ellen White esse período incluía os fanatismos passados do Adventismo bem como o movimento da Carne Santa e não algo num futuro ainda distante, como nos nossos dias. Afinal, a advertência de que essas manifestações ocorreriam “*no tempo do fim*” precisava ecoar no coração dos ouvintes no contexto imediato de 1901.

Ainda falando na conferência geral de 1901 sobre o fanatismo de 1900, Ellen White disse:

*“Prepare-se,” é a palavra que soa aos meus ouvidos. ... Aquele que esta por vir virá e não tardará.*⁵⁵

E a resposta definitiva da igreja Adventista em repelir o carisma da Carne Santa é prova contundente de que a liderança entendeu que viviam “*imediatamente antes do tempo do fim da graça*”.

Segundo, assim como outras profecias na Bíblia (Jonas) e do Espírito de Profecia,⁵⁶ a continuação ou ressurgimento desse estilo de culto no Adventismo

⁵⁵ *Review and Herald*, 30/04/1901, p. 10

⁵⁶ Em maio de 1856, Ellen White profetizou que alguns em sua audiência seriam “comida de vermes” e outros passariam pelas sete pragas e outros ainda seriam trasladados na segunda vinda de Jesus. Obviamente, isso era uma profecia condicional. Veja *Testimonies for the Church*, vol. 1, pp. 131-132.

Na perspectiva de Ellen White, “imediatamente antes do fim da graça” incluía os fanatismos passados do Adventismo bem como o movimento da Carne Santa e não algo num futuro distante, como nos nossos dias. Afinal, a advertência de que isso ocorreria no tempo do fim precisava ecoar no coração dos ouvintes no contexto imediato de 1901.

estava condicionado pela resposta da igreja às heresias que o fomentavam. Se as heresias doutrinárias que estimulavam esse culto caótico não fossem condenadas e removidas de maneira categórica, essas manifestações continuariam a ocorrer na igreja Adventista “*em nossos dias*”, “*no futuro*”, em 1901 e além. A música se tornaria “*um laço*” para perpetrar falácias teológicas e um culto espúrio. Mas ao mesmo tempo ela diz que Deus dá instruções para que isso seja evitado.

Afinal, havia a possibilidade de que as pessoas envolvidas no movimento da Carne Santa não acatassem ao conselho e continuassem em suas práticas, ou que a igreja como um todo ignorasse ou até estimulasse essas manifestações. Sendo assim, as heresias e o fanatismo do passado continuariam a ressurgir no futuro. Em suas palavras:

*O fanatismo, uma vez iniciado e deixado às soltas, é tão difícil de extinguir como o incêndio que tomou conta de um prédio.*⁵⁷

Daí a necessidade de fortes advertências sobre a possibilidade de que o falso culto e suas doutrinas viessem a se enraizar e se repetir no futuro.

É fundamental também entender qual a intenção de Ellen White ao usar a expressão “*a história se repetiria*” no contexto da Carne Santa. Assim como na Bíblia, precisamos comparar o uso de palavras e expressões em vários contextos por Ellen White para entendermos corretamente sua intenção ao usá-la. Vejamos abaixo outros exemplos:

*Há o perigo de que a história do passado venha a se repetir.*⁵⁸

*A história passada se repetirá, ... e o perigo ameaçará o povo de Deus por todos os lados.*⁵⁹

*Desprezam a evidência da operação de Deus e a história se repete.*⁶⁰

⁵⁷ *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 35.

⁵⁸ *Manuscript Releases*, p. 34.

⁵⁹ *Maranata*, p. 30.

⁶⁰ *The Paulson Collection*, p. 11.

E essa experiência se repetirá, a menos que o coração dos homens se convertam e se transformem completamente.⁶¹

Homens e mulheres que entendem a vontade de Deus devem ser escolhidos ... para que os erros do passado não se repitam.⁶²

A história de Datã e Abirão se repete hoje e se repetirá até o fim dos tempos. Quem estará ao lado do Senhor?⁶³

E ao mesmo tempo em que ela adverte quanto ao “perigo” de a história se repetir, ela diz:

As coisas do passado se repetirão. ... Mas o povo de Deus ... sabe onde está firmado. Eles devem ficar firmes como uma rocha.⁶⁴

Esta história se repetirá. ... O povo de Deus finalmente triunfará sobre todo o poder das trevas.⁶⁵

Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.⁶⁶

Veja que há sempre a possibilidade de que a história não se repita ao nos colocarmos “ao lado do Senhor” entendendo “Sua vontade” e não nos esquecendo dos “ensinamentos do passado”.

Note também que ela usa a expressão de maneira incondicional somente ao se referir às profecias de Daniel e Apocalipse:

Estude Apocalipse em relação a Daniel; porque a história se repetirá.⁶⁷

A história se repetirá. A falsa religião será exaltada. O primeiro dia da semana ... será estabelecido como a imagem de Babilônia.⁶⁸

Portanto, o uso dessa expressão por Ellen White ao

A interpretação corrente da expressão “a história se repetirá” implica que os tambores da música e a heresia da Carne Santa vão se repetir a qualquer custo na igreja adventista, a despeito do repúdio desses desde 1900. Tal interpretação acaba colocando a “bateria” como elemento fundamental da escatologia adventista, o que é em si, uma heresia.

se referir à história da igreja Adventista (ou do povo de Israel) denota sempre um “perigo” ou possibilidade de que a história venha a se repetir se os conselhos de Deus forem rejeitados.

Na visão de Ellen White a repetição do fanatismo, música e culto caóticos estava condicionada pela resposta da igreja Adventista como um todo às lições aprendidas no passado. Ao confrontar o movimento, Ellen White condenou de forma inequívoca os erros doutrinários que estimulavam o falso culto, alertando sobre o perigo real de que eles viessem a se manifestar continuamente no futuro. Os envolvidos em Indiana e a liderança da igreja em geral responderam e o movimento se desfez.

É importante entender esse aspecto de condicionalidade da visão, porque a interpretação corrente da expressão “a história se repetirá” implica que os “tambores” e outros excessos da música da Carne

Santa vão se repetir a qualquer custo na igreja Adventista, a despeito do repúdio desses desde 1900 e da falta do fundamento teológico que os estimule. Tal interpretação acaba colocando a “bateria” como elemento fundamental da escatologia adventista, o que é em si, uma heresia.

Outro ponto importante a ser considerado é o fato de a “profecia dos tambores” não ser mencionada em nenhuma outra parte dos escritos de Ellen White como se aplicando à igreja Adventista estritamente. Se os “tambores” e a bateria moderna viessem se tornar uma ameaça constante à igreja até o fim dos tempos, era de se esperar que ela mantivesse a advertência sempre presente e a articulasse em outras cartas ou escritos ou até expandisse a visão de maneira específica. Mas ela não parece crer que, *no contexto da igreja Adventista*, a aplicação do termo “tambores” (‘drums’) transcendia o movimento da Carne Santa e se aplicava à bateria moderna (‘drums’) como vimos acima. O termo *tambores* na Carta 132 aplica-se estritamente ao movimento da Carne Santa.

E a história mostra que o culto em Indiana de fato se tornou uma dura advertência para o Adventismo sobre os perigos de heresias carismáticas que levam ao êxtase emocional e físico na adoração. Felizmente,

⁶¹ Pamphlet 151.

⁶² Letters to Sanitarium Workers in Southern California (1905), p. 22.

⁶³ Eventos Finais, p. 173.

⁶⁴ Manuscript Releases, vol. 1, p. 47.

⁶⁵ Review and Herald, 5 de Dezembro de 1907.

⁶⁶ Eventos Finais, p. 72.

⁶⁷ The Ellen White 1888 Materials, p. 1491.

⁶⁸ Eventos Finais, p. 134.

graças ao conselho inspirado, podemos afirmar com segurança que não há no entendimento doutrinário Adventista do Sétimo Dia o pano de fundo para que essas heresias e seu respectivo culto floresçam novamente. Até hoje, mais de 100 anos depois, os excessos do movimento não têm se perpetrado em nosso meio. Para Ellen White e a igreja Adventista, o movimento da Carne Santa era causa e cumprimento da profecia.

No entanto, contextualizar a visão e a sua aplicação como faz-se necessário para evitar os extremos de interpretação, não significa que a advertência contra o fanatismo se limita a Indiana em 1900 ou que estejamos imunes a ele e seu falso culto. Como ela disse: *“Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada...”* A passagem contém princípios transcendentais para evitar que a *“história se repita”*. A igreja deve continuar em sua vigilância seguindo o conselho da *“Palavra e nos Testemunhos”* para que heresias carismáticas e o fanatismo não se desenvolvam dando lugar ao culto e música caóticos da Carne Santa. Mas a preocupação de Ellen White era primordialmente com o entendimento doutrinário da igreja que poderia dar lugar ao falso culto, não o inverso. Por isso é inadequado cair no extremo de considerar a música ou um instrumento musical como o originadores de heresias teológicas e do falso culto como tem-se interpretado.

Já nas igrejas pentecostais e carismáticas e alguns grupos dissidentes da igreja Adventista (e.g., *Igreja Adventista da Promessa*), a profecia de que *“a história se repetiria”* se cumpre nesses movimentos desde meados do século 19 e 20⁶⁹ no que tange ao emocionalismo, culto com *“ruído e confusão”*, falar em línguas, exorcismos, curas, e outras manifestações estranhas. Aqui novamente vemos a parte que a teologia exerce em fomentar ou rejeitar tais excessos.

Atualmente, apesar do zelo de alguns em condenar qualquer nova dinâmica no culto como suspeita e ameaçadora, não há evidências de que os excessos do culto caótico em questão estejam sendo reintroduzidos

⁶⁹ O movimento da Carne Santa e o pentecostalismo tiveram suas origens no Movimento da Santidade que floresceu em meados do século 19 nos Estados Unidos vindo da Alemanha.

Nunca foi intenção de Ellen White que sua mensagem para a Carne Santa fosse usada para apoiar aplicações extremas, como a proibição generalizada de instrumentos de percussão na música adventista ou o culto formal. Ellen White nunca apoiou interpretações extremas de seus escritos em nenhum assunto.

na igreja Adventista ou que a *história esteja se repetindo* meramente pelo uso da bateria, percussão, guitarra elétrica, contrabaixo ou música adventista contemporânea.

Precisamos nos perguntar com franqueza:

1. É justificável comparar o caos total, gritos estridentes, pessoas cantando enquanto outras oram em voz alta, música ruidosa e hipnotizante que levavam as pessoas a desmaiarem e outras manifestações da Carne Santa com o culto adventista que usa música com a bateria?

2. Seria coerente chamar a música que usa instrumentos com os quais não estamos acostumados ou que apenas tem volume mais alto do que o habitual, ou um culto mais vibrante de *“baderna e barulho, confusão e ruído”*?

3. Considerando-se a importância da influência teológica sobre a visão do culto, é possível detectar alguma heresia carismática infiltrando-se na igreja Adventista como um todo hoje e que vá levar ao desenvolvimento desse estilo de culto, fazendo a história se repetir?

O Uso da Percussão na Igreja Adventista desde 1900

Que a igreja repudiou por completo a heresia da Carne Santa, não há dúvidas. Mas qual foi a resposta da igreja em relação aos instrumentos musicais mencionados por Ellen White em sua visão, especialmente os tambores? Será que a Igreja Adventista banuiu instrumentos de percussão depois da campal de Indiana em 1901, e só mais recentemente é que estes têm ressurgido na forma da bateria, em *“desobediência”* ao conselho divino?

Uma busca por referências à palavra *“drums”* nas publicações oficiais da igreja desde 1901 no *Adventist Archives* produz centenas de menções a percussão, tambores, címbalos, tímpanos e inclusive bateria, o que mostra que estes continuaram a fazer parte da música sacra de instituições, escolas e orquestras adventistas. Cito aqui alguns exemplos da União do Lago, onde floresceu a Carne Santa:

No *Emmanuel Missionary College*, atual *Andrews*

University, os alunos tocavam tambores já em 1915, num culto de gratidão pela *Lei Seca Americana*.⁷⁰

Orquestras rítmicas com címbalos, tambores, bateria, triângulos e castanholas também eram comuns em escolas adventistas de Michigan já na década de 1920-30.⁷¹ Os tímpanos de orquestra que vimos acima são utilizados pelas orquestras de escolas adventistas na adoração desde o início da nossa obra educacional.

A *Review and Herald* tinha uma banda composta por funcionários que era usada em campanhas evangelísticas, cultos e concertos de música sacra e nacionalista desde o início do século.⁷² O infame surdo, idêntico ao da Carne Santa, levava o nome *Review and Herald Band* (veja foto). A percussão também tem sido parte das fanfarras dos Desbravadores desde seu início em 1926, representando a juventude adventista em passeatas e marchas comemorativas.

Tambores também são mencionados nos cultos vibrantes de missões adventistas na África.⁷³ Na Conferência Geral de 1966, o relatório da Divisão Transafricana foi introduzido pelo hino “Ó Cristãos, *Avante!*” ao som do órgão e tambores tocados pelo secretário daquela divisão.⁷⁴ Tambores tem sido usados nas Conferências Gerais nos relatórios das missões africanas e outras regiões desde os primórdios.

Esses poucos exemplos mostram que a suposta proibição total dos tambores e percussão na música adventista depois de 1901 não tem qualquer fundamento histórico.

Um Convite ao Equilíbrio

A passagem dos tambores foi usada pela primeira vez fora de seu “tempo e lugar” na *Review and Herald* de



Banda da publicadora Adventista *Review and Herald* de 1912-1913.
(Foto *Adventist Archives*)

tentativa de conter o uso da percussão.

Mas veja que a tradição de interpretação de uma certa passagem não significa necessariamente que seja a correta como vimos acima. George Knight explora várias dessas descontextualizações que são usadas para apoiar o extremismo.⁷⁶

Nunca foi intenção de Ellen White que sua mensagem para os irmãos da Carne Santa fosse usada para apoiar posições extremas, como a proibição generalizada de instrumentos de percussão na música adventista ou o extremismo do culto formal e “constrangido”. Ellen White nunca apoiou interpretações extremas de seus escritos em nenhum assunto. Note que o problema das interpretações extremas de seus escritos era comum já na sua época:

*Há uma classe de pessoas sempre dispostas a escapar por alguma tangente, que desejam apreender qualquer coisa estranha, maravilhosa e nova; mas Deus quer que todos procedam calma e ponderadamente ... Devemos guardar-nos de criar extremos, de animar os que tendem a estar ou no fogo, ou na água.*⁷⁷

*O que me preocupa é o perigo de cairmos no outro extremo.*⁷⁸

Quando serve ao vosso desígnio, tratais os Testemunhos como se neles crêsseis, citando trechos deles

⁷⁰ *Lake Union Herald*, 1915, 14 de Abril 1915, p. 8.

⁷¹ *Ibid*, 1931, vol. 23, n. 43, p. 2.

⁷² *Columbia Union Visitor*, 29 de novembro de 1934, p. 6.

⁷³ *Lake Union Herald*, 22 de setembro de 1953, p. 1.

⁷⁴ *Review and Herald*, 21 de Junho de 1966, p. 3-4.

⁷⁵ *Review and Herald*, julho de 1970, p. 21.

⁷⁶ George Knight. *Reading Ellen White*. (Review and Herald). 1997

⁷⁷ *Testemunhos para Ministros*, p. 227-228.

⁷⁸ *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 378.

para reforçar qualquer declaração em que desejais prevalecer.⁷⁹

A reforma de saúde torna-se a deformação da saúde, destruidora da saúde, quando levada a extremos.⁸⁰

Um exemplo, embora não musical, mas que ilustra bem o risco de se cair nos extremos em um determinado assunto é o caso dos ovos. Em Testimonies, vol. 2, p. 400 ela diz: “Ovos não deveriam ser postos em sua mesa” e em Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 204, ela diz “Coma ovos cozidos ou crus.” O problema é que cada referência se aplica a um caso específico, a um “tempo e lugar” e não devem ser tomados isoladamente como proibições ou permissões universais.⁸¹

Tiago White expande o pensamento dizendo:

Enquanto Satanás tenta muitos a serem lentos demais, ele tenta outros a serem muito rápidos. A obra da irmã White é dificultada, e às vezes com perplexidade, pela obra dos extremistas, que consideram o único lugar seguro o se apegar às interpretações mais extremas das expressões que ela usou, enquanto outras interpretações são possíveis. Essas pessoas frequentemente se apegam à sua interpretação de uma expressão, e forçam o assunto a qualquer custo e ignoram suas advertências quanto ao cair em extremos. Sugiro que estes afrouxem seu apego às expressões mais fortes de Ellen White, que são para os mais lentos, e apóiem suas convicções sobre as muitas advertências que ela fez para benefício dos extremistas.⁸²

E George Knight conclui que:

Quando lemos as passagens que intermediam e equilibram um tópico, em vez de ler somente as mais extremas que reforçam nossas opiniões pessoais, estamos mais próximos da perspectiva de Ellen White. ... A fim

⁷⁹ Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 43.

⁸⁰ Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 202.

⁸¹ Veja Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 176.

⁸² Review and Herald, março de 1868, citado em Reading Ellen White (George Knight), p. 73.

Atualmente, apesar do zelo de alguns em condenar qualquer nova dinâmica no culto adventista como suspeita, não há evidências de que o fanatismo e excessos do culto da Carne Santa estejam sendo reintroduzidos na igreja Adventista meramente pelo uso da bateria, percussão, guitarra elétrica, contrabaixo ou música adventista contemporânea.

*de evitar interpretações extremas, precisamos ler amplamente o que Ellen White diz sobre um determinado assunto, mas também precisamos acatar às declarações que se equilibram em cada extremo de determinado assunto.*⁸³

Infelizmente algumas citações do Espírito de Profecia têm passado tantas vezes pela “moenda” de uma certa interpretação que esta se torna estabelecida ou tradicional, como é o caso da percussão na música, cujas aplicações extremas, baseadas nas mais tênues implicações do que Ellen White escreveu, têm-se tornado a única alternativa e causado “perplexidade” na igreja.

Conclusão

Voltando à pergunta título desse estudo, “Ellen White Era Contra a Bateria?” Primeiramente, é fundamental reiterar que os “tambores” na visão se referiam estritamente ao surdo e tamborins da Carne Santa e não à bateria moderna, como foi amplamente demonstrado acima.

No entanto, considerando-se que a bateria utiliza de “tambores”, podemos responder a pergunta com ‘sim’ e ‘não’. Ela seria *sim* contra a bateria (e qualquer instrumento musical) se esta se tornar um fim em si mesma na música e no culto, causando “ruído e confusão”, auxiliando um culto e música caóticos que se tornam um “choque aos sentidos” e um “laço” de Satanás para promover heresias teológicas e tudo o que é “estranho” na adoração. Ou ela *não* seria contra a bateria ou percussão em geral se estas forem usadas em obediência ao Salmo 149 e 150, de maneira hábil, como parte de um contexto musical equilibrado, onde os instrumentos, cantores e congregação participam em “espírito e em verdade”, “com entendimento”, facilitando assim um louvor contrito e ao mesmo tempo exultante e “energético” a Deus.⁸⁴

⁸³ George Knight. Reading Ellen White, pp. 74.

⁸⁴ O uso da bateria requer o mesmo critério aplicado ao piano, por exemplo, quando é parte de uma orquestra ou banda no que se refere à equalização, natureza da música sendo tocada, se suave ou exultante, clímax e relaxamento da música, entre outros aspectos a serem explorados pelo ministro de música juntamente com sua equipe.

Portanto é seguro concluir que Ellen White não promoveu a proibição indiscriminada da percussão ou de nenhum instrumento musical quando usados habilmente por músicos embeúdos do espírito do culto. Ela condenou sim o *mal uso* desses instrumentos no culto caótico, ruidoso e hipnotizante que acompanhava as heresias carismáticas e excessos do movimento da Carne Santa.

Implicações secundárias deste estudo se referem à ausência de preferência a estilos ou princípios de composição musical nos escritos de Ellen White, exceto em se tratando de qualidades desejáveis da música na adoração que podem ser compartilhadas tanto pela música sacra clássica (ou erudita) quanto pela música cristã contemporânea e seus respectivos instrumentos.⁸⁵

Concluimos também que, no que tange aos aspectos escatológicos da mensagem à Carne Santa, o uso da passagem fora de seu *“tempo e lugar”* tem levado a interpretações extremas como a proibição da percussão na música e culto adventistas, algo que Ellen White a nunca intencionou.

Historiadores da igreja Adventista sugerem que a música e o culto adventistas se tornaram *“constrangidos”* ou *“cuidadosamente planejados”*⁸⁶ por causa da Carne Santa e acabaram caindo no outro extremo, a formalidade, que Ellen White condenou veementemente.⁸⁷ O professor adventista Arthur Patrick conclui que:

...a evidência aponta para a necessidade de uma interpretação mais cuidadosa do assunto (bateria na música) do que simplesmente exortar à proibição da mesma que tem-se visto em reavivamentos adventistas – que não é mais lógica do que a proibição de órgãos na história cristã primitiva ... Instrumentos musicais são destituídos de moralidade inerente; porém a maneira como os usamos pode ter influências morais.

O uso da bateria para Ellen White tem os mesmos problemas de se usar música. Há que se concordar que o problema não é a música em si, e sim música inapropriada. Os adventistas precisam ler o Salmo 150, bem como as advertências sobre estilo de música, a despeito

⁸⁵ Afinal, a música que muitos consideram como a única aceitável na adoração hoje, um dia foi contemporânea também!

⁸⁶ *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream* (2nd ed.). Bloomington, Indiana: Indiana University Press. 2006. pp. 221.

⁸⁷ Sobre o “mal do culto formal”, veja *Evangelismo*, p. 507; *Patriarcas e Profetas*, p. 523; *Review and Herald*, 1 de Junho, 1886; *EGW Manuscript 3*, 1853; *Testimonies*, vol. 9, pp. 143-144.

*da escassez das mesmas nos escritos de Ellen White.*⁸⁸

Sem dúvida o desejo de seguir o conselho inspirado é louvável. Porém, o zelo desmedido da interpretação que não leva em conta o “tempo e lugar”, a verdadeira intenção e o cerne da mensagem do Espírito de Profecia, barateia suas visões criando interpretações extremas sobre um determinado assunto. É os que buscam um equilíbrio na questão da música objetivando assim um culto menos formal e mais vibrante pela inclusão do “cântico novo” e novos instrumentos, são rechaçados pelos “*tambores*” de Indiana.

O Dr. David Newman, pastor da igreja Adventista New Hope em Maryland, EUA, relata o que acontece em sua igreja:

*As emoções têm seu lugar, instrumentos musicais têm seu lugar. Uma ferramenta pode construir ou destruir. ... Na igreja em que sou pastor, cantores e uma banda instrumental com bateria lideram um louvor vibrante todo sábado, cantando o que há de melhor na música cristã contemporânea. Não há “balbúrdia e ruído”, tudo é feito com decência e ordem. Os membros são abençoados e Deus é exaltado.*⁸⁹

Na visão de Ellen White, não é plano de Deus que Sua igreja oscile entre os extremos do culto formal, que ela condenou como sendo um *“mal”*⁹⁰ e o emocionalismo desvairado do carismatismo; também não é Seu plano vê-la dividida, entre tradicionais e progressistas, jovens e os de idade, veteranos na fé e calouros, aqueles que acham sua predileção musical aceitável e a outra, suspeita e ameaçadora, aquele instrumento aceitável e este, profano. Esta ênfase em diferenças de opinião nos distancia cada vez mais da *“unidade na diversidade”*⁹¹, sentimento imprescindível da igreja que adora. (Salmo 133:1). ■

⁸⁸ Arthur Patrick, *Later Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Further Historical Perspectives*. Publicado na revista At Issue online: <http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>.

⁸⁹ J. David Newman, *Is Ellen White Opposed to Contemporary Music?* p. 5. (Online no site www.lookingforachurch.org). O papel das emoções no culto Adventista precisa ser novamente explorado na visão de Ellen White para que o repúdio dessas não leve ao culto formal e sem vida que ela chamou de *“um mal”*, ou que uma ênfase em sua preeminência crie o canteiro onde tendências carismáticas tomem raízes.

⁹⁰ Veja *Testimonies*, vol. 9, pp. 143-144; *The Voice in Speech and Song*, p. 292.

⁹¹ *1 Coríntios 12:6*. Veja *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 21-22.